

Um novo comunicar floresce na periferia: a Barra do Ceará via instagram

A new way of communication flourishes in the ghetto: Barra do Ceará via Instagram

Myra Stefanni Viana Sales

Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará (2019-2021). Bacharel em Jornalismo pelo Centro Universitário Estácio do Ceará (2017). Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Comunicação, Assessoria de Comunicação e TV. Cursou História em Universidade Estadual do Ceará até 6.º semestre. Cursou Letras Português em Universidade Federal do Ceará até 2º semestre. Estudante de línguas estrangeiras. Estágio voluntário em AD2M Engenharia de Comunicação, entre julho e agosto de 2016. Estágio voluntário em TV Assembleia-Canal 30, entre agosto e dezembro de 2016.

Grande área de pesquisa: Ciências Sociais Aplicada com ênfase em Comunicação Comunitária e Sites de Redes Sociais. Atualmente, enquanto pesquisa de mestrado, investigo as transformações que a comunicação de natureza comunitária passou ao longo das décadas de 1980 até os dias atuais, com foco nos sites de rede social (Instagram), tendo como bairro específico a Barra do Ceará, bairro localizado na zona Oeste de Fortaleza- CE. Email: stefamyra@hotmail.com

Márcia Antônia Dias Catunda

*Mestre em Computação Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará (UECE).
Email: catundamarcia@gmail.com*

Resumo

A comunicação popular nas periferias de Fortaleza sofreu mudanças ao longo das últimas décadas, desde quando era apenas nas radiadoras, e depois, nas rádios comunitárias (OLIVEIRA, 1994), passando pela experiência de TV comunitária (BRAGA,2010) e site (FERREIRA,2012) até chegar às redes sociais, que avança neste cenário em que sujeitos comuns ganham cada vez mais espaço. O presente artigo busca perceber as formas de comunicar o bairro Barra do Ceará, localizado na zona oeste da capital cearense, por meio do Instagram. A partir de pesquisa exploratória e entrevistas semiestruturadas observamos o perfil de quatro instagramers ligados e/ou promotores de atividades sociais no bairro, discutiremos a partir do conceito de laços sociais e conexões em Recuero (2011) as formas de comunicar a Barra do Ceará no ambiente digital. Conclui-se que a partir da observação dos perfis e entrevistas semiestruturadas, proporcionou um entendimento inicial desse fenômeno que será aprofundado.

Palavras chave

Barra do Ceará; Comunicação; Instagram.

Abstract

The popular communication in Fortaleza's ghettos changed in the last decades. It started in the radio poles, evolved to the community radios (OLIVEIRA, 1994), then experienced the community TV (BRAGA, 2010) and website until the social media, that grows in a scenario which ordinary individuals gain more popularity. The presented essay aims to notice how the neighbourhood Barra do Ceará, located in the west zone of the cearense's capital, is communicated via Instagram. Through an exploratory research and semi-structured interviews, it was observed four Instagram profiles related and/or promoter of social activities in the neighbourhood. The ways to communicate Barra do Ceará in the digital environment was discussed according to Recuero's (2011) social bonds and connections. It was concluded that, from the observation of the profiles and the semi-structured interviews, this provided an initial understanding of the phenomenon, that is going to be more studied.

Keyword

Barra do Ceará; Communication; Instagram.

Introdução

Na década de 80, quando a democracia aos poucos voltava ao cenário brasileiro, houve um surgimento da participação popular vista por meio do crescimento dos movimentos sociais urbanos (GOHN, 2019).

Ao passo que a democracia se reestabelecia no país, a comunicação se reconfigurava no ambiente urbano das capitais do país. Como exemplo, tem-se a comunicação nas periferias de Fortaleza, que tem sua história marcada pela luta dos moradores, que buscavam chamar a atenção do poder público, apresentando suas demandas com as formas de comunicar que tinham acesso. Essas práticas de comunicação advindas dos sujeitos sociais tinham ligação com os movimentos sociais urbanos, tendo como “mediação política” as Comunidades Eclesiais de Base- CEB’ s, as Organizações Não Governamentais- ONG’ s, dentre outros. (OLIVEIRA, 1994).

A comunicação popular durante as décadas de 1980 e 90, era feita a partir das rádios comunitárias ou jornas comunitários, na periferia de Fortaleza. A experiência com rádio era por meio de alto-falantes alojados nos postes das ruas do bairro. No final da década 90, as rádios comunitárias passaram ao formato FM e se multiplicaram nos bairros de periferia no contexto dos movimentos sociais populares (OLIVEIRA, 2002). Segundo Nunes (1998) apud Oliveira (2002) muitas das rádios comunitárias FMs foram apropriadas para o uso político e partidário, enquanto outra parcela estava envolvida com as mobilizações dos movimentos sociais populares, conforme destaca Oliveira (2002).

Com o fechamento da maioria das rádios comunitárias que não conseguiram concessão no início do século XX, teve início as experiências com os sites nos bairros de periferia. Antes disso, houve uma experiência com a TV Janela, no bairro Pantanal, fundada em 2004, que tinha o objetivo de capacitar os jovens da comunidade local e divulgação dos vídeos aos moradores do bairro (BRAGA, 2010). Ferreira (2012) pesquisou a experiência do site do bairro Ellery que, na década de 90, tinha vivenciado a prática de comunicação popular com a rádio comunitária Mandacaru FM, que encerrou suas atividades no ano de 2002.

Atualmente, a partir de pesquisa exploratória, percebe-se que essa comunicação popular parece estar se deslocando para o ambiente virtual, as redes sociais. A periferia que agora também fala pelas redes sociais. O presente artigo busca entender como se dão essas novas formas de comunicar, por meio da redes sociais, a partir de quatro perfis do

Instagram de três moradores e um projeto social, todos da Barra do Ceará, localizada na zona oeste da capital. A escolha do bairro se justifica por fazer parte de uma área periférica de Fortaleza, que possui uma variedade de grupos e/ou projetos sociais destinados à promoção humana dos moradores locais que se utilizam (parte deles) das redes sociais para se comunicar/divulgar suas ações, além da Barra do Ceará ser um bairro histórico e por ter feito parte do desenvolvimento da capital cearense. Como recorte para análise, selecionamos quatro perfis já mencionados. A hipótese inicial é que esses quatro perfis apresentam o conceito de “laços sociais” e “conexões”, em Recuero (2011), que são produzidos a partir das interações mediadas pelos computador (CMC) constituindo as relações sociais, e consequentemente, formando os laços sociais.

A partir de análise dos quatro perfis escolhidos, observou-se a quantidade de seguidores e perfis seguidos pelos *instagramers* (qualquer pessoa que possua uma conta no

Instagram), na intenção de se perceber a construção desses laços formados nas redes a partir de suas conexões com outros perfis. Dessa forma, a pesquisa vislumbra compreender, a partir dos *instagramers* selecionados, as formas de comunicar no bairro por meio das redes, inferindo que essas novas práticas comunicativas são fortalecidas por esses laços sociais constituídos na rede se expandindo para o cotidiano desses sujeitos, o que pode proporcionar novos horizontes no campo da comunicação popular, novas análises e produção de conhecimento a partir dos sujeitos.

Uma Barra do Ceará histórica

Em 2019, a Barra do Ceará completou 415 anos de existência, considerada o bairro mais antigo da capital cearense. Antes de falar sobre a Barra do Ceará, é preciso compreender a história de Fortaleza, que teve sua trajetória marcada por idas e vindas, conquistas e desafios, desde sua colonização pelos portugueses e por um curto período de sob domínio holandês, até nossa atualidade. Para melhor compreensão, faz-se necessário entender um pouco dessa história.

Em 1494, o Reino de Portugal e a Coroa de Castela (Espanha) fazem o pacto de Tordesilhas como forma de divisão do novo continente a ser explorado, cuja divisão foi feita por capitânicas hereditárias, um sistema criado pela coroa portuguesa, em 1534. Essa delimitação territorial não impediu que outros países, como a própria Espanha, entrasse em território português (GIRÃO, 1979; FARIAS, 2007).

Poucos antes da virada do século XVI, deu-se início a empreitada por terras do Novo Continente, ao comando do navegador genovês, Cristóvão Colombo. Em 1500, meados de fevereiro, o espanhol Vicente Yáñez Pinzón desembarcou em terras cearenses, o cabo denominado “Santa Maria de la Consolación”, atual Ponta Grossa, em Icapuí, logo após, Pinzón e sua tripulação chegam à região que Diego de Leppe, explorador espanhol que os acompanhavam, denominou como “Rostro Hermoso”, que seria o Mucuripe, lá, Pinzón demarcou sua passagem com uma cruz (GIRÃO, 1979).

Contudo, apenas em 1603, em expedição oficial liderada por Pero Coelho de Sousa, buscou-se colonizar o Ceará. Por ordem de Coelho, foi construído o Forte de São Tiago, às margens do rio Ceará, atual região da Barra do Ceará, porém passaram pouco tempo, devido aos nativos se rebelarem contra os portugueses, por consequência da escravização promovida pelos lusitanos. Portugal necessitou enviar padres jesuítas, pertencentes a Companhia de Jesus, fundada em 1534 por Inácio de Loyola, na busca do “amansamento” dos nativos. Neste momento, entra em cena a figura de Martins Soares Moreno, que foi tripulante dessa expedição, obteve uma relação amistosa com os índios da referida região, o que favoreceu a instalação e êxito dos portugueses (FARIAS, 2007).

De acordo com Farias (2007), em 1611, Soares Moreno se fixa na capitania, no mesmo lugar do antigo forte, ergue o de São Sebastião com ajuda dos nativos. Após um período de conquistas e derrotas, logo veio a escassez de recursos e um certo esquecimento de Portugal, logo chegou o momento de Soares Moreno deixar o Ceará, em 1631, quando encerram suas responsabilidades com a terra cearense.

Além do domínio português, a capitania do Ceará também teve um período de domínio holandês, que durou de 1630 a 1654. O flamengo Matias Beck e o major Joris Garstman, chegam às terras cearenses, que em 1649 ergue o forte de Schoonenborch, às margens do rio Pajeú, quando houve o desenvolvimento do local. No entanto, assim como os lusitanos, os holandeses também passaram por dificuldades, sobretudo de convivência com os nativos, os quais sofreram ataques. Em 1654, os holandeses entregam o território a

Álvaro de Azevedo Barreto, capitão- mor nomeado, em que faz do Schoonenborch o Nossa Senhora da Assunção. Próximo ao forte foi construída uma capela para os soldados rezarem, lá, iniciou-se o desenvolvimento do povoado a passos lentos (GIRÃO, 1979).

Em 13 de abril de 1726, Fortaleza sai da condição de povoado ganhando o título de vila, a segunda do Ceará, a primeira foi São José de Ribamar, no limite entre Fortaleza

e Aquiraz, em fevereiro de 1699 (que foi transferida para a Fortaleza de N^a Sr.^a da Assunção e, logo depois, a região da Barra do Ceará durante os anos de 1702 a 1706, já em junho de 1723 retorna definitivamente a Aquiraz). A capitania do Ceará ficou sob comando pernambucano até 1799 (FARIAS, 2007; PINHEIRO, 2004).

Pouco mais de vinte anos, Fortaleza recebe o título de cidade por meio de Carta Régia em março de 1823, pelo imperador Dom Pedro I, a Fortaleza de Nova Bragança. No entanto, Fortaleza só teve um avanço significativo enquanto cidade na segunda metade do século XIX, devido à política imperial de “centralismo das províncias capitais” da época, que favoreceu sua hegemonia urbana perante as outras províncias dos interiores levando ao enfraquecimento comercial, assim Fortaleza se tornou o centro administrativo e comercial do Ceará, com aberturas de estradas que ligavam a zonas de produção próximas o que proporcionou lucro para os proprietários e comerciantes ; obras no porto; a construção da estrada de ferro de Baturité que de forma estratégica estreitou as relações com as províncias do interior produtoras, sobretudo, de algodão. Fortaleza havia se tornado agroexportadora (FARIAS,2007).

Durante o mesmo período, a capital passa por um processo de migração, o êxodo rural, devido à procura dos grandes donos de terra no intento de construir negócios na capital, além dos retirantes que fugiam da seca ou buscando uma vida mais favorável na capital, concomitante a esse processo, comerciantes do Brasil e de outros países traziam suas fabricas a Fortaleza, lugar onde se encontrava mão- de-obra (FARIAS,2007).

Contudo, parte de Fortaleza se desenvolvia com rapidez, pois outras regiões permaneciam “esquecidas”. Dentre essas melhorais, temos: as principais ruas da capital que foram pavimentadas; encanação de água para consumo humano; expansão do transporte marítimo; escolas, criação de biblioteca, jornais e pontos de lazer como clubes e praças; hospital; a comunicação por telefone, telégrafo e caixas-postais, dentre outros. Fortaleza vivia uma nova fase, pois necessitava acompanhar as outras províncias capitais (FARIAS,2007).

Uma Barra do Ceará nostálgica e de resistência

No passado, a atual Barra do Ceará era um povoado chamado de Vila Velha, onde moravam agricultores que produziam em pequena escala às margens do rio Ceará. Depois de seu período turbulento de fundação, a Barra do Ceará vem entrar em cena efetivamente a partir da década de 1920, com a instalação da estação ferroviária Floresta (atual Álvaro Weyne) em que também foi inaugurada uma linha com direção à Barra. Na década de 1930, a construção do Hidroporto Condor, que ficou em atividade até 1943. No entanto, somente os mais abastados poderiam usufruir. A antiga estrada (atual avenida Francisco Sá) que ligava Fortaleza a Barra do Ceará ganha pavimentação. Após a Segunda Guerra Mundial, a Barra do Ceará foi novamente esquecida (FORTALEZA EM FOTOS, 2014; NETO, 2014; FARIAS, 2007; JUCÁ, 2004).

Durante a década de 1950, a Barra do Ceará passou a ser um local de escoamento de mercadorias estrangeiras que não haviam passado por tributação nos portos, e ainda criando um aspecto mais marcante de “terra de ninguém”, carros sem emplacamento provenientes

do bairro transitavam de lá para o centro da capital (JUCÁ, 2000 apud SILVA, 2003).

Conforme Silva (2003) apenas na década de 1960, com o processo de construção dos conjuntos habitacionais e instalação das indústrias, por meio da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE e do Banco Nacional da Habitação- BNH, o bairro teve mudanças mais significativas. Dessa forma, pessoas de várias localidades vinham na expectativa de conseguir emprego. Ainda na mesma década, o Clube de Regatas foi inaugurado como uma alternativa de lazer, no entanto, somente para as camadas mais altas, além da presença das mansões da elite local. Segundo Souza (1978) apud Silva et al. (2018), nos anos de 1970, foi construída a avenida Presidente Castelo Branco, conhecida como Leste Oeste, com objetivo de ligar a zona leste a oeste da capital. Durante a década de 1980, a Barra do Ceará passa por mais transformações quanto a infraestrutura e lazer, a partir da implantação do Plano de Metas, em que foi construído o pólo de lazer do bairro e a feitura da avenida Radialista Lima Verde. Em 1993, a ponte do rio Ceará que liga a capital ao litoral oeste é construída, em contrapartida, tanto o meio ambiente quanto os pescadores e donos de barcos do local sofreram os impactos causados por esse empreendimento. Além disso, os moradores da orla passaram por desapropriações de suas casas, com o processo de construção da costa oeste de Fortaleza.

Com esse movimento de urbanização e modernização da capital e concentração de renda se centrava nas mãos de poucos, proporcionando um aumento da desigualdade social na cidade, já vivida desde o início da história de Fortaleza. Como já mencionado, muitas pessoas vindas de vários lugares do estado, procuravam por trabalho nas indústrias instaladas ao longo da avenida Francisco Sá. Assim a região se tornou um grande adensado de pessoas pobres. Dessa forma, essa parte da população foi se inserindo na zona oeste da capital (SILVA, 2003).

Mostrando o bairro em dados estatísticos, a Barra do Ceará é uma das regiões mais antigas da capital cearense, banhada pelo mar e pelo rio Ceará, completou 416 anos de existência em 2019. A Barra do Ceará é privilegiada por suas riquezas naturais, mas aparece como um bairro de pobreza social, localizado na zona oeste da capital. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE, em 2018, Fortaleza tinha uma população estimada em 2.643.247 milhões de habitantes. Só a Barra do Ceará tinha 72.423 habitantes, com Índice de Desenvolvimento Humano - (IDH) de 0.22, ou seja muito baixo.

Atualmente, os bairros periféricos da zona oeste de Fortaleza carregam esse estigma de marginalizado e “esquecido”, sobretudo quando reportado e enfatizado pelas grandes emissoras de comunicação da capital. No entanto, a Barra do Ceará apresenta sua forma de comunicar para além dos grandes veículos de comunicação, cuja história passa desde a comunicação popular, conforme Oliveira (2002), até esse momento com um aparente redimensionamento das formas de comunicar a partir das redes sociais, vistas em pesquisa exploratória.

Verificou-se que a Barra do Ceará possui uma rádio, chamada Fortaleza FM, 87.9¹, “A princesinha da Barra”, que funciona há 7 anos. A rádio tem como proposta prestar serviços de utilidade pública, além de abrir espaço para a comunidade local como forma de reivindicar as demandas do bairro. Além da rádio, o bairro dispõe de um jornal comunitário, o Jornal da Barra, fundado em 15 de setembro de 1998, dirigido por Durvalino Rodrigues. O periódico tem o objetivo de atender aos cidadãos de todos os bairros e adjacências pertencentes à Secretaria Regional I- SER I. Não foram encontradas pesquisas acadêmicas sobre a rádio Fortaleza FM ou sobre o jornal da Barra que os referenciem como comunitários, mas entende-se que atualmente, esses meios de comunicação dividem

¹ Site da rádio disponível em: <<http://www.fortaleza87fm.com.br/fm-87-9-fortaleza>> Acesso em 30 out. 2019.

espaço comunicacional com *instagramers*² que falam da Barra do Ceará.

Então, que novas formas de comunicar a Barra do Ceará nos apresenta? Quem são esses sujeitos que comunicam o bairro por meio do *Instagram*? A partir da perspectiva de Recuero (2009) sobre os “laços sociais” e as “conexões” nas redes sociais; esses sujeitos em seus perfis constroem laços entre si formando uma comunidade? A seguir, mostra-se quem são esses sujeitos/ *instagramers*.

Caminhos metodológicos

Em pesquisa exploratória no *Instagram*, pesquisou-se por perfis de sujeitos que, de alguma forma, falassem da Barra do Ceará em perspectivas diferentes das que são apresentadas pelas grandes emissoras cearenses, buscando uma visão a partir dos sujeitos/moradores do bairro. Ao todo encontrou-se 27 perfis que se dedicam a produzir sentidos sobre a Barra do Ceará. Entre os perfis, identificou-se que cinco perfis estão desatualizados, 14 seguem uma divulgação constante da Barra, principalmente procurando construir perfis positivos sobre o bairro. Apenas um dos perfis encontrados faz uma abordagem que considerou-se, a priori, mais negativa sobre a Barra do Ceará. Para melhor compreensão da escolha desses perfis, observa-se a tabela a seguir:

POSITIVOS			NEGATIVOS
@juntosporumabarra melhor	@projetokarate	@barrakaratepoint	@uniseg19barra doceara
@davi_da_pompeia	@abarradoceara	@barradocearaordi nariaof	
@valberfirmino	@barradocearaordin aria_	@barrapositiva	
@albertusrestaurante	@barradoceara_	@go_barradoceara	
@freiresurfart	@amarantinharay	@pordosolbarrace	
@todospelabarra	@amigosdabarra	@midiabarra	
@pedalbikeamigosd abarra	@mepbbarra	@barraordinariaofic ial	
@coletivokitesurf	@adventistasbarrado ceara	@barradocearacity	
@viladokite	@barraemfoco		

² Qualquer pessoa que possua um perfil na rede social Instagram, criada em 2010, é um aplicativo gratuito de fotos e vídeos que cada vez mais se aperfeiçoa a partir de suas atualizações periódicas. Inicialmente estava disponível apenas para sistema operacional IOS da Apple. Em 2012, a plataforma passou a ser disponibilizada para o sistema Android, logo após o aplicativo foi comprado pelo *Facebook*, uma outra rede social criada em 2004, que a partir dessa aquisição popularizou ainda mais a nova rede. Segundo matéria da revista Exame edição agosto de 2018, atualmente o *Instagram* possui mais de 1 bilhão de usuários em todo o mundo, sendo o Brasil o segundo maior em usuários ficando atrás apenas para os Estados Unidos. Matéria disponível em <https://exame.abril.com.br/negocios/dino/instagram-15-vezes-mais-interacoes-que-outras-redes-sociais/>. Acesso em: 28 out. 2019.

@todospelabarra	@amigosdabarra	@midiabarra	
@pedalbikeamigosd abarra	@mepbbarra	@barraordinariaofic ial	
@coletivokitesurf	@adventistasbarrado ceara	@barradocearacity	
@viladokite	@barraemfoco		

Fonte: Myra Viana

O primeiro perfil apresentado é de Valber Firmino³, morador do bairro. É fotógrafo e professor de surf, no projeto Aloha Surf, fundado em 2015, na praia do Cumbuco, no município de Caucaia, dois anos depois é transferido para a Barra do Ceará.

Firmino participou de projetos sociais na praia do Titanzinho, no bairro Cais do Porto, era aluno. Sempre foi ligado a projetos sociais, nos quais foi formador e, logo depois, passou a condição de formador. Atualmente, dá aulas na praia das Goiabeiras, na Barra, além de continuar fotografando paisagens naturais do bairro, que afetivamente em suas postagens chama de “#quintaldecasa”. O Aloha conta com a participação de 15 alunos atualmente, o projeto recebe ajuda financeira de ações feitas no exterior, por um voluntário no qual chama de “Doctor Stil”, que faz campanhas com alunos de escolas da Holanda para obtenção de verba que são destinadas ao projeto.

Figura 1: Perfil de Valber Firmino



Fonte: <<https://www.instagram.com/valberfirmino/?hl=pt-br>> acesso em 12/09/2020.

³ Entrevista concedida em 20 de setembro de 2019, na praia das Goiabeiras, Barra do Ceará.

O segundo perfil corresponde ao projeto social “Juntos por uma Barra Melhor”⁴, criado em meados de 2013, após uma roda de conversa com o intuito de conscientizar os moradores da importância da limpeza da praia da Barra. Na ocasião, foram distribuídas cestas plásticas. Os mentores da iniciativa são Gilson Sousa e Venettia Alves, moradores, os quais iniciaram o projeto que antes era apenas uma ação social. O projeto funciona na Associação dos Conjuntos Hermes Pereira, Barra Mar e Tropical, na Barra. Nos primeiros anos pós fundação, a iniciativa contou com várias atividades esportivas e culturais, além de serviços de utilidade pública promovidos com ajuda de parceiros. Hoje, ocorrem aulas de Karatê, às terças e quintas-feiras, com a professora voluntária, Lenilda Moreira; capoeira às segundas e sextas-feiras e às quartas-feiras a sede é utilizada para evento religioso. O projeto se encontra momentaneamente sem outras atividades ou ações que possam mobilizar a comunidade, no entanto, os fundadores procuram ajudar na promoção e divulgação de atividades de outros projetos e/ou ações sociais locais.

Figura 2: Perfil do projeto Juntos por uma Barra Melhor



Fonte: <<https://www.instagram.com/juntosporumabarramelhor/?hl=pt-br>> Acesso em 12/09/2020.

O terceiro perfil pertence a Davi da Pompeia⁵, um morador que se denomina como Divulgador Social de projetos e ações sociais da Barra do Ceará. Sempre morou no bairro. Pompeia se reúne com as lideranças da comunidade no intuito de promover ações destinadas aos moradores carentes. Divulga e produz eventos no bairro, na expectativa de chamar atenção das autoridades públicas como forma de angariar recursos voltados para a população mais desprovidas do lugar. Recentemente participou de uma atividade na comunidade Boa Esperança, que pertence ao bairro. Na ocasião, houve distribuição de cestas básicas.

⁴ Entrevista concedida em julho de 2017, no Cuca Barra do Ceará.

⁵ Conversa realizada por WhatsApp em 13 de janeiro de 2020.

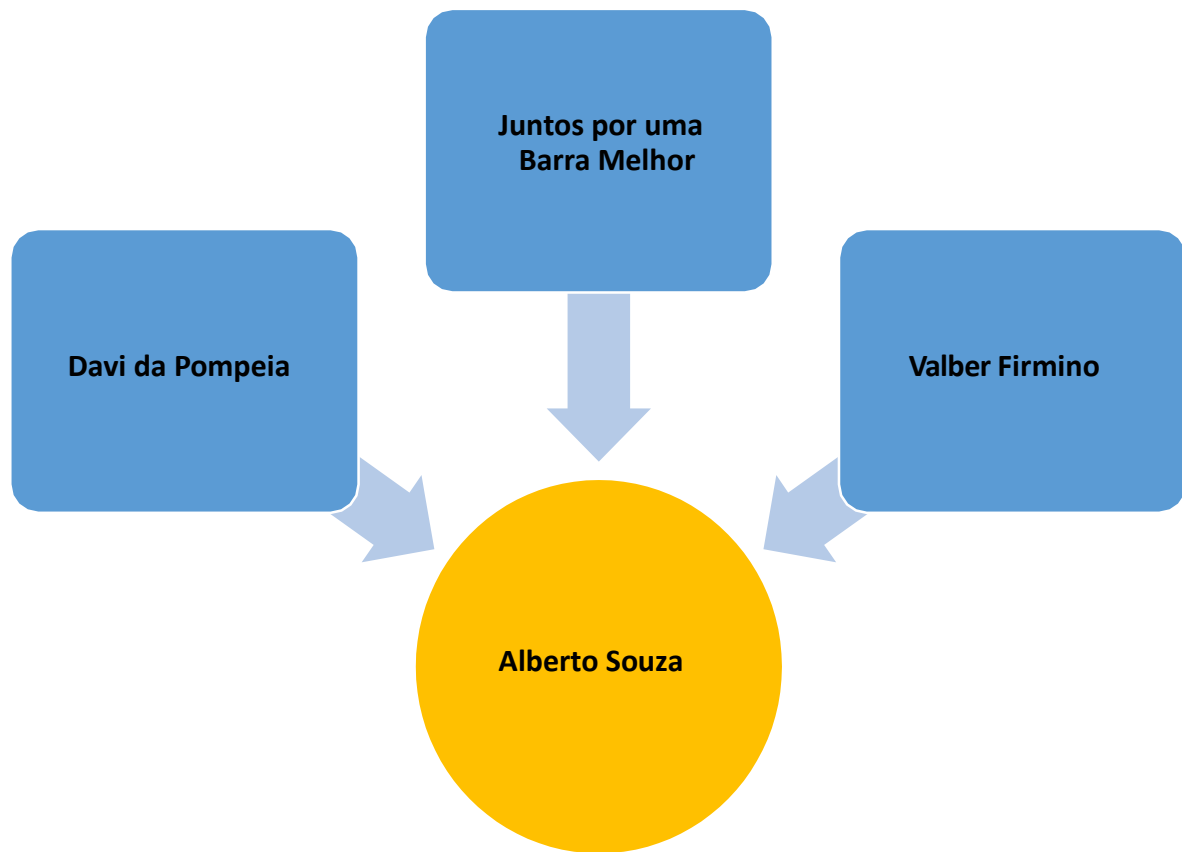
Figura 3: Perfil de Davi da Pompeia



Fonte: https://www.instagram.com/davi_da_pompeia/?hl=pt-br> Acesso em 12/09/2020.

A escolha desses perfis se deu pela relevância social que estes *instagramers* possuem na Barra do Ceará (enquanto sujeitos atuantes), levando em consideração suas atividades na comunidade e suas diferentes perspectivas ao falar do bairro, mas que, de forma geral, as pautas apresentadas por eles se convergem em um mesmo objetivo.

Em análise aos quatro perfis, não das postagens, observa-se a quantidade de seguidores e perfis seguidos por cada um. Valber Firmino possui 2989 seguidores enquanto segue 1460 perfis; projeto JPB tem 462 seguidores enquanto segue 545 perfis e Davi da Pompeia é seguido por 1264 perfis enquanto segue 4582 perfis. Mediante essa quantificação, parte-se para observação dos perfis percebendo que contas (conexões) em comum relacionadas ao bairro eles seguem. Recuero (2011) define as *conexões* com constituídas pelos *laços sociais* por meio da interação social entre esses *atores sociais* (os *instagramers*), que segundo a pesquisadora, a variação dessas conexões altera as estruturas dos grupos, neste caso, infere-se que podem modificar as estruturas dos perfis desses sujeitos em pesquisa. É importante ressaltar, que a autora não trata do *Instagram* em seu estudo apontado neste artigo, os conceitos trabalhados por Recuero (2011) são direcionados às redes sociais vindas antes do *Instagram*, como já mencionado, criado em 2010, mas sua popularização se deu dois anos mais tarde, quando passou a ser disponibilizado para o sistema operacional Android. Contudo, partindo da observação das conexões (perfis seguidos) realizadas pelos *instagramers*, fez-se algumas inferências vistas no gráfico a seguir:



Fonte: Myra Viana

O novo *instagramer* apresentado é Alberto Souza⁶, que possui 1334 seguidores enquanto segue 1368 perfis. “Seu Alberto” como é chamado no bairro, é um dos moradores mais antigos do lugar, proprietário do Albertu’s Restaurante patrimônio cultural. Defende-se a ideia de que esse ator social representa uma Barra do Ceará histórica e turística e luta pela preservação do meio ambiente, mostradas pelos perfis das

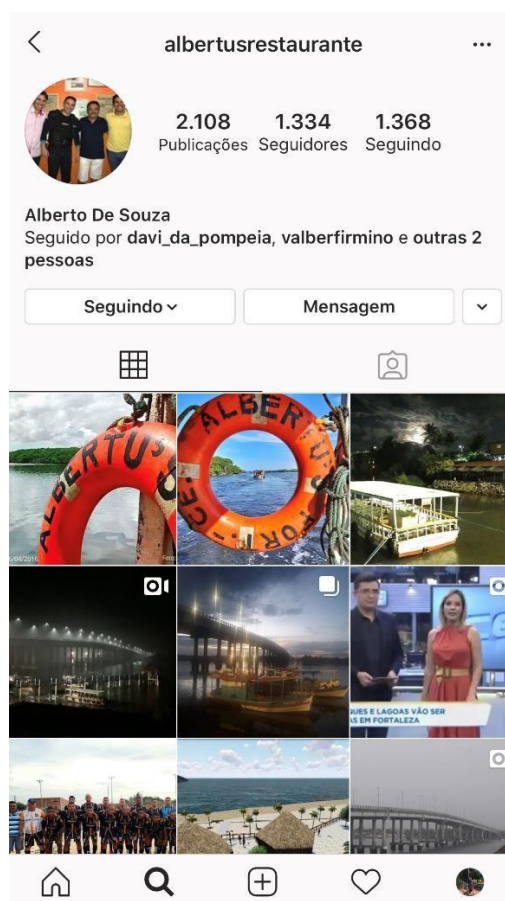
redes. Além disso, o local teve processo de tombamento registrado no Diário Oficial do Município, em julho de 2018⁷.

Parte-se da hipótese de que o quarto *instagramer* representa uma conexão que une e gera um objetivo em comum, que seria comunicar a Barra do Ceará a partir das redes sociais digitais, apresentando um bairro histórico, de paisagens naturais, de vivências e lutas comunitárias, de resistência as adversidades cotidianas vivenciadas pelos moradores, como uma alternativa as mídias tradicionais cearenses.

⁶ Entrevista concedida em 31 de maio de 2019, no Albertu’s Restaurante.

⁷ Disponível em: < <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2019/05/04/pier-que-desabou-na-barra-do-ceara-e-bem-tombado-pela-prefeitura-de-fortaleza.ghtml> > Acesso em: 15 jan. 2020.

Figura 4: Perfil de Alberto Souza



Fonte: < <https://www.instagram.com/albertusrestaurante/?hl=pt-br> > Acesso em 12/09/2020.

Quanto aos laços sociais formados na rede, uma outra perspectiva quando formados por *associação*, a partir dos estudos de Goffman (1975), em que os sujeitos são conectados a outros (sujeitos, grupos ou instituições) através do sentimento de pertencimento (RECUERO, 2011 apud BREIGER, 1974).

A partir da proposição de laços associativos, vistas em pesquisa exploratória, pode-se inferir que os perfis em questão apresentam um sentimento de pertencimento acerca do lugar onde moram, sobretudo quando se observa algumas postagens referentes à Barra, que demonstram afetos tanto em suas imagens quanto nos textos, o bairro como família, como “meu quintal de casa”, uma ideia de comunidade.

Considerações finais

O presente artigo propôs perceber um pouco da trajetória da comunicação popular nas periferias, tendo a Barra do Ceará como protagonista dessa caminhada social vivida por seus moradores, que começaram a ganhar “voz” com o surgimento das rádios comunitárias e jornais comunitários. Após as experiências de comunicação pelos sites até chegar às redes sociais, como uma alternativa às mídias tradicionais cearenses que, geralmente, reportam uma Barra violenta e marginalizada.

Portanto, a partir da pesquisa exploratória aos quatro perfis de instagramers moradores da Barra do Ceará, pode-se perceber como a comunicação popular parece se redimensionar, tendo como meio as redes sociais, que aparentemente trazem uma ideia de acesso “fácil” em que os usuários podem criar seus perfis e se utilizar dos recursos

disponíveis oferecidos pela rede social. No entanto, vale ressaltar que nem todos possuem esse acesso, no próprio bairro há moradores de comunidade bastante carentes que não dispõem desse serviço, vivendo em condições precárias, segundo relatos de alguns moradores em visita realizada ao bairro.

Procurou-se discutir algumas inferências a partir dos conceitos de laços sociais e conexões em Raquel Recuero, que tornou possível fazer observações dos perfis dos *instagramers* e levantamento de hipóteses nesta pesquisa, tendo como embasamento os conceitos da autora. Portanto, percebeu-se a existência de conexões a partir de dados quantitativos (número de seguidores e de perfis seguidos), partiu-se para observação dos perfis percebendo que contas (conexões) em comum estão relacionadas ao bairro na busca de se encontrar recorrências entre os perfis, na qual se encontrou o *instagramer* Alberto Souza. Pode-se inferir que esses *instagramers* constroem ao longo de suas vivências nas redes, laços sociais entre si constituindo conexões.

Portanto, pode-se compreender que esses percursos da comunicação popular experimentados por esses indivíduos proporcionou o auto reconhecimento destes como sujeitos sociais que pertencem a um lugar que lhes é familiar, que faz parte do seu cotidiano, que é lugar de luta, percebidas pela observação dos perfis e entrevistas semiestruturadas, que por meio desses relatos orais proporcionou um entendimento inicial desse fenômeno que será aprofundado. Desde a história do bairro vista a partir do período colonial até os dias atuais, a Barra do Ceará teve seus momentos de ascensão e declínio, mas ainda hoje vai resistindo.

Referências

BRAGA, Robson da Silva. Dissertação de mestrado. **Identificações e recepção: olhar dos moradores do bairro Pantanal ou Planalto Ayrton Sena sobre o vídeo popular da TV Janela.** /Fortaleza, 2010.

FARIAS, Ayrton de. **História do Ceará.** Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2007. 2ª ed.

FERREIRA, Zoraia Nunes Dutra. Dissertação de mestrado. **A comunicação popular comunitária nas ondas do “oceano digital”: análise do site do bairro Ellery.** / Fortaleza, 2012.

Fortaleza FM, 87.9, A Princesinha da Barra. Disponível em: <<http://www.fortaleza87fm.com.br/>> acesso em: 30 out. 2019.

FORTALEZA, Prefeitura municipal de. **CIDADES.** Disponível em: <<https://www.fortaleza.ce.gov.br/a-cidade>> Acesso em: 9 jan. 2020.

FORTALEZA, Em fotos. Hidroporto Condor- O Pioneiro. Disponível em: <<http://www.fortalezaemfotos.com.br/2014/03/hidroporto-condor-o-pioneiro.html>> Acesso em: 11 jan. 2020.

GIRÃO, Raimundo. **Geografia e Estética de Fortaleza.** 2ªed. Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC. 1979.

GOHN, Maria da Glória. **Participação e democracia no Brasil: da década de 1960 aos impactos pós-junho de 2013.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

IBGE- **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/fortaleza/panorama>> Acesso em 28 out. 2019.

INSTAGRAM. **Perfil público de Valber Firmino.** 2020. Disponível em: <

<https://www.instagram.com/valberfirmino/?hl=pt-br>> Acesso em: 14 jan. 2020.

INSTAGRAM. **Perfil privado de Davi da Pompéia**. 2020. Disponível em: <
https://www.instagram.com/davi_da_pompeia/?hl=pt-br> Acesso em 14 jan. 2020.

INSTAGRAM. **Perfil público do projeto Junto por uma Barra Melhor**. 2020.
Disponível em: <<https://www.instagram.com/juntosporumabarramelhor/?hl=pt-br>> Acesso em: 14 jan. 2020.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. – Parte II: Cidade, cultura e poder. Fortaleza: cultura e lazer (1945-1960). In: SOUZA, Adelaide Gonçalves ... [et all] **Uma nova história do Ceará**. 3. Ed. rev. e atual. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004, p. 192 a 214.

NETO, Bernardo. Barra do Ceará. Coleção Pajeú; Fortaleza- Seculfor, 2014.

OLIVEIRA, Catarina Farias Tereza de. Dissertação de mestrado. **O Direito a Palavra, comunicação, cultura e política**. Fortaleza, 1994.

OLIVEIRA, Catarina Farias Tereza de. Tese de doutorado. **Escuta Sonora: educação não-formal, recepção e cultura popular nas ondas das rádios comunitárias**. Campinas, 2002.

PINHEIRO, Francisco José. – Parte I: Cultura e Poder. Mundos em confronto: povos nativos e europeus na disputa pelo território. In: SOUZA, Adelaide Gonçalves ... [et all] **Uma nova história do Ceará**. 3. Ed. rev. e atual. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004, p. 17 -55.

RECUERO, Raquel. Redes Sociais na Internet. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

SILVA, Ana Glória Lopes da. **À fina flor: narrativas de trabalhadores de rua na Barra do Ceará**. Dissertação de mestrado. Fortaleza, 2003.

SILVA, Regina Balbino da. PEREIRA, Alexandre Queiroz. COSTA, Maria Célia Lustosa. **Fortaleza e a ocupação do espaço litorâneo do grande Pirambu**. Revista Geografia (Londrina), Paraná, v. 7. n° 1, p. 47-65, 2018